

"Despeço-me: Quebrangulo Terra Amada. Terra em que Nasci!"



*Testemunho de Denise Moreira de Almeida Barbosa, doutoranda em Psicologia Social, Psicóloga Clínica e Psicóloga do Trabalho; Conselheira / CRP-15/2457 (participou de uma ação humanitária como psicóloga voluntária)

Chegamos ao município de Quebrangulo, no dia 03 de agosto de 2010, onde esta terra que é mais conhecida como terra do famoso literário Graciliano Ramos. Quebrangulo terra amada, terra em que nasci!!!

No final dos anos sessenta, sai de lá, ainda muito pequena e retornei só agora para abraçar as pessoas que têm aproximação com a minha família, que trazem em seus nomes o meu sobrenome. Retornei depois de longos anos para abraçar essa gente que faz parte de minha história através da minha profissão.

Chegamos a Quebrangulo após receber a triste notícia pelos jornais de que tinha acontecido uma grande catástrofe fluvial, uma enchente, e que o rio tinha transbordado, devastando vários municípios e Quebrangulo foi um dos atingidos.

Resolvemos realizar uma ação em forma de peregrinação, onde fomos de casa em casa, de porta em porta, oferecendo ajuda e nos colocando a disposição.

Para que a nossa voz tivesse eco procuramos assim que chegamos os dirigentes deste município (Prefeito, Secretário de Saúde), na qual nos levou as rádios como meio de nos fazer ouvir, de nos comunicar com a maioria das pessoas, vítimas da trágica enchente daquela cidade para que pudesse nos entender e também o trabalho que iríamos realizar. Sentimos desde o início, que havia abertura de alguns dirigentes, onde eles abriram as portas para o nosso compromisso com a sociedade e quando começamos com as visitas percebemos que havia uma certa resistência da população, mas ao mesmo tempo, uma completa entrega emocional, conotando muito desânimo, indiferença, baixa autoestima, sentimento de menos valia, raiva, luto, angústia, perda de identidade, uma sensação de completo abandono.

Aos poucos, fomos conquistando respeito, espaço, vínculos e mesmo ainda muito desconfiados, confusos, alguns resolveram se aproximar mais e falar com o coração.

Esses mencionaram que depois do que aconteceu até pensaram em tirar as suas vidas quando se



perceberam sem nada, sem chão e não conseguiam sequer se enxergar, apenas uma falta de perspectivas, falta de esperança, completa entrega, falta de força para recomeçar. Os que mencionaram que prefeririam morrer e não cometeram tal desalento em consideração as suas famílias e a tantos que se encontravam na mesma situação.

Em Quebrangulo, a minha terra amada, a terra em que nasci!!! Apesar deste momento triste, lá existe mais luz própria do que pedras, do que entulhos, do que água, porque há solidariedade e a energia do povo em querer ajudar traz tamanha sensibilidade.

Este município amado e inesquecível, na qual sempre teve pessoas acolhedoras, afetivas que abriram as suas casas para abrigar as vítimas da catástrofe, para abrigar os amigos, as famílias e a sociedade, que perdeu praticamente tudo na última enchente, numa verdadeira inundação difícil de ser acreditada devido ao grau de devastação, onde as casas ficaram com apenas frentes e nada aos fundos; os trilhos da rede ferroviária completamente contorcidos; as ruas cheias de lamas; as marcas nas paredes ligando ao teto com cheiro de barro molhado, com cheiro de mofo.



Pessoas acolhidas pelos amigos, pelas famílias em um mutuado mundo de gente que mal se mexia em pequenos espaços cabendo muitas vezes apenas um colchão sem cobertor, só retalhos, sendo colocadas em corredores, salas, cozinhas, onde não existia mais outra opção.

Diante esta situação de acolhimento, poucas pessoas procuraram os dois abrigos existentes neste município, abrigos que acolhiam poucas famílias, e essas que lá estavam só resolveram ficar por que não eram filhos da terra e por ter sido atingidos e não terem outro lugar para garantirem o seu sustento, o seu espaço na reconstrução de suas moradias, definindo o seu próprio destino preferiram ficar sob o teto público, sob a esperança e a vontade do olhar político.

Diversas opiniões foram relatadas quando começamos a dar apoio psicológico a essa gente que se encontrava tão carente, onde disseram que só estavam vivos porque tudo aconteceu pelo dia e foi tudo muito rápido, mas do que de repente, o rio foi invadindo a cidade, onde ainda era muito cedo, muito cedo... E, todos se encontravam acordados.

Esta certeza revelava uma expressão de dor, em relatos atordoados, muitas vezes ressaltada pela voz baixa em murmúrios e um olhar perdido da população. Olhos que mais pareciam duas lágrimas permanentes como registro que embala a solidão ao eco mudo dos quebrangulenses.

É muito comum ver casas vazias, com apenas um ou dois moradores, casas que mais pareciam resmungar ao eco de suas sombras, numa cidade morta, onde não havia música, numa energia fúnebre amparada pelo temeroso silêncio.

Pessoas que foram embora por não suportarem o medo de se encontrar só ou mesmo pessoas que perambulavam dentro de suas casas, de lá para cá ao som do sentimento mais profundo de abandono, procurando em seu passado retalhos que confortassem os seus pensamentos, que preenchessem os seus vazios.

Em Quebrangulo, na terra amada, na terra em que nasci, quando fizemos as visitas domiciliares, percebemos que muitos estavam nos mesmos lugares, sem conseguirem sair do seu espaço em busca do novo, estavam imobilizados, não se permitiam e não aceitavam mudanças de vida, até porque não havia mudanças, apenas sentimento de completa estagnação emocional como se tudo aquilo que estavam vivendo pertencesse a uma outra realidade ou mesmo a um pesadelo.

Ainda hoje, não é raro ouvir relatos de moradores da Rua 15 de Novembro, na qual reserva uma população de pessoas de meia idade, onde

muitos moram sozinhos por opção ou porque acostumaram a viver sob o risco de mais uma tempestade. Vítimas da dor e do silêncio.

Não é raro ouvir essa gente dizer que ama este município e nada os afastaria deste lugar, mesmo correndo risco, mesmo cercados de medos, entregues a dor, amargando a sua completa solidão.



Segundo o relato de uma moradora, professora aposentada de 72 anos que resolveu abrir o seu coração e mencionou: "minha filha, eu não saio deste lugar porque foi aqui que eu nasci, foi aqui que construí a minha família, então penso que não se abre mão de uma vida inteira por mais alguns anos de angústia. Passei a minha vida inteira em minha casa, esta é a minha identidade, onde estão as minhas únicas lembranças, sequer sai para conhecer o mar e agora porque o rio resolveu invadir, levar tudo que construí materialmente, eu preciso sair daqui correndo para outro lugar? E as minhas lembranças? E a minha história? E a minha vida? Não tenho para aonde ir, mesmo assim, nunca vou sair deste lugar que tanto quero bem, porque vejo neste lugar como maior do que a minha tristeza. Imagine se estivesse com um filho precisando de ajuda, com problemas, jamais o ignoraria, jamais me permitiria abandonar um filho e sim ajudá-lo, compreendê-lo e dar força para vencer os obstáculos. Pois ficar aqui me sinto meio mãe deste lugar, porque foi aqui que eu nasci, o lugar que construí a minha família, me remete ao que eu tenho de melhor, que são as minhas lembranças que entram em contato com o meu corpo. O lugar que me sinto verdadeiramente EU e o meu pensamento? E os meus sentimentos? É aqui que trago a minha identificação porque hoje só tenho passado... Sair daqui para viver mais um, dois, três... dez anos e os meus mais de setenta anos de minha vida, o que devo fazer, enterrá-los? Mesmo viva? Não! Prefiro ficar no meu lugar, mesmo que para isto eu corra o risco de ir com ele." Com os olhos cheios de lágrimas, a professora respira fundo e depois me abraça e através de um silêncio profundo constrói ali a sua identidade.

São tantos relatos profundos de cunho extremamente psicológico que nos permite perceber o nível de respeito e amor que este povo tem pela sua história, pelas suas raízes, pelo seu povo, pelo seu amado município.

Pois é, Quebrangulo que é a minha terra amada, terra em que nasci simbolizou para todos nós que trabalhamos na ação humanitária como psicólogas voluntárias, um espaço construído pelos sentimentos de amor e assim fechamos o nosso trabalho numa verdadeira sensação de dever cumprido.

Fomos quatro psicólogas solidárias que priorizamos o coração, onde reservamos algumas horas do nosso tempo, uma vez por semana, para fazer um trabalho de doação, de dever, de amor e respeito ao nosso próximo, aos nossos irmãos. Chegamos a fazer mais de quatrocentos atendimentos em apenas quatro meses de trabalho, onde realizamos desde atendimento ambulatorial até em grupos, porque não tínhamos o tempo da consulta como resposta e sim o tempo que o paciente levava para mostrar que se sentia muito melhor ao sair da consulta; mostrando de fato o seu crescimento mediante a tamanhos conflitos existentes.

Observamos tudo, a partir do olhar, da voz pausada, da postura corporal de cada um que nos servia como termômetro do vínculo, que nos servia como psicólogas, sinalizadoras de suas melhorias, do resgate da autoestima, quando resolvemos abraçar esta ação ímpar, única, uma ação completamente humana.

Vestimos a nossa alma de psicólogas solidárias em busca desta missão para melhorar o estado emocional de cada cidadão perdido, principalmente do meu município amado e inesquecível, trazendo sempre a sintonia de Quebrangulo, terra amada, terra em que nasci.

A nossa profissão entra na história alagoana como referência Nacional porque fomos pioneiros a apresentar a nossa Instituição e saímos de nossas casas, dos nossos consultórios, da nossa rotina diária para fazer representar a nossa profissão, que se preocupa com o outro, que tem através da humanidade a incorporação do inconsciente.



O Conselho Regional de Psicologia de Alagoas mediante algumas parcerias conseguiu atingir o seu objetivo numa proposta humanitária, enfocando a dignidade, o amor, fé, solidariedade, respeito pela nossa profissão, pelo nosso Estado, pelo nosso povo, pelos nossos irmãos compartilhando com os nossos sentimentos.

Quebrangulo: Terra Amada. Terra em que nasci!!!